

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,5

**PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: OS ASPECTOS QUE AFETAM O
DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E SOCIAL DA CRIANÇA**

Mara Silvana Brigo Geiss

ionesuarez@hotmail.com

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: OS ASPECTOS QUE AFETAM O
DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E SOCIAL DA CRIANÇA**

Mara Silvana Brigo Geiss

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência parcial
para obtenção do título de Especialização em
Psicopedagogia”.*

CAMPO NOVO DO PARECIS /2005

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA -
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia em especial e com muito amor à minha família: aos pais, primeiramente pela vida e pelos ensinamentos; ao esposo e aos meus filhos pelo apoio, ajuda, compreensão e companheirismo que fizeram com que todos os esforços empreendidos ao longo de minha caminhada e para que o sonho se tornasse realidade.

“A inteligência é um processo e não um dom: fica-se inteligente por que se aprende”.

Neusa Hichel

RESUMO

Este trabalho monográfico tem o intuito de conhecer e fazer conhecer as dificuldades de aprendizagem apresentadas por várias crianças e fazer ver que, no entanto, pessoas que estão ligadas à criança e que deveriam estar ajudando-as a superar o transtorno, sequer o distinguem e, não se preocupam em entendê-lo. Sabendo que as salas de aula são ecléticas, têm vários níveis de aprendizagens, e que há diferenças de classes sociais, culturais e econômicas, com o intento de ampliar horizontes que venham a favorecer o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem abre-se aqui uma discussão, objetivando sempre que o educando possa, a partir do teor deste ter o auxílio de pessoas orientadas, conhecedoras ou motivadas a conhecer seus problemas e assim, e a partir daí, oferecer ajuda ao aluno para que este possa reter uma aprendizagem mais sólida, com a apropriação dos conhecimentos de forma realmente efetiva. As diferentes competências intelectuais humanas podem propiciar uma preparação coerente ao ser humano, possibilitando-lhe alcançar de maneira satisfatória, certos desafios que lhe são conferidos, basta que as pessoas certas detenham os conhecimentos corretos e que estas estejam sempre prontas a auxiliar quando chamadas. Este trabalho monográfico que poderá, do ponto de vista de cada um, ser um manual, tem a pretensão de ajudar na formação do educando em sua totalidade de modo que ele possa adquirir seu desenvolvimento pleno participando ativamente do processo de cidadania. Aos professores e pais comprometidos com seus alunos e filhos, dispostos a contribuir para o seu desenvolvimento real, está lançado o desafio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I.....	10
1. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO CRESCIMENTO INDIVIDUAL DE UMA CRIANÇA.....	10
CAPÍTULO II	14
2 A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGOGIA NO SURGIMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E OS OBSTÁCULOS DESSA APRENDIZAGEM NA ESCOLA	14
2.1 APRESENTAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	14
2.2 DISTÚRBO DE LEITURA E ESCRITA.....	16
2.2.1 Dislexia.....	16
2.2.1.1 Na pré-escola	19
2.2.1.2 Nas primeiras séries.....	20
2.2.1.3 O tratamento	22
2.2.2 Disgrafia	26
2.2.2.1 O tratamento	27
CAPÍTULO III	29
3 ASPECTOS QUE O CURRÍCULO ESCOLAR PODE CONTEMPLAR PARA NÃO EXCLUIR CRIANÇAS COM DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXO.....	41

INTRODUÇÃO

Normalmente crianças que apresentam dificuldades específicas no início da escolarização, embora não tenham nenhum problema neurológico ou psiquiátrico, provavelmente precisarão de maior atenção neste período escolar. São crianças que terão de desenvolver suas habilidades de apreensão daquilo que é ensinado. Portanto, cada uma delas precisa ser investigada particularmente em suas dificuldades para que seja compreendida e ajudada posteriormente.

Muitos pais, com filhos em idade escolar acreditam que as instituições de ensino não têm dado uma resposta adequada às crianças que sofrem com as dificuldades de leitura e de escrita no ensino fundamental. Essas dificuldades atingem ricos e pobres, independe de sexo ou cor de pele, e estão nos bancos escolares atingindo a cada dia maiores proporções.

“Não são poucos os relatos de ansiedade dos pais por se depararem, amiúde, com as dificuldades de aquisição e desenvolvimento linguagem verbal, oral e escrita, de seus filhos. A leitura e a escrita são duas habilidades complexas e imprescindíveis para aquisição para as demais habilidades escolares como a de calcular e de contemplar os saberes acumulados historicamente na civilização do conhecimento”. (MARTINS, 2003)

Alguém que tenha dificuldade de compreender uma palavra terá alguma chance concreta de entender bem uma frase? Será que a educação infantil ou a

classe de alfabetização à qual a criança participou foi eficiente quanto ao seu desenvolvimento cognitivo e leitor?

Sem uma resposta eficaz da escola, muitos pais estão procurando profissionais da medicina na busca de superação do problema, pois bem sabem que algumas dificuldades de aprendizagem, as quais muitas vezes não recebem a devida importância, podem acarretar sérios problemas na vida da criança, se não forem detectados e tratados com eficiência. Mas, o que está sendo providenciado pra que essa situação seja mudada? Quais atitudes estão sendo tomadas em relação a termos um grande índice de reprovação em nossas escolas e quanto à criança sair de uma fase pra outra sem saber ler ou escrever corretamente?

É chegado o momento de repensarmos o nosso fazer pedagógico. Que escola queremos nesse novo século? O que se deseja que aconteça que a diferencie da que tanto queremos deixar para trás?

A nova escola que se acredita que todos querem, deve preparar para a vida e ser formadora de homens vencedores, com princípios éticos e com mentalidade de sucesso. Mas só terá sentido se esta escola assumir, entre outras coisas, a missão de ensinar ao aluno a como aplicar o que aprendeu para ser um adulto produtivo, em permanente desenvolvimento e útil à sociedade, pra que este adulto construa sua própria individualidade e obtenha, dessa forma, felicidade, realização pessoal e sucesso.

A escola que devemos construir para nossos alunos não deve se restringir apenas ao limite das quatro paredes de um prédio de alvenaria, pois de que adianta ter belos edifícios se até hoje pouco se tem ensinado para que o indivíduo mude efetivamente sua mentalidade e suas atitudes. Mais do que nunca, portanto, é preciso mudar a educação, começando com cada educador e com a consciência de que a auto-estima, a autoconfiança, a automotivação e atitudes de sucesso podem ser aprendidas por qualquer um que deseje mudanças em sua vida e na de outras pessoas. O Professor é antes de tudo formador de opiniões e tem o poder de incutir em seus alunos tudo o quanto deseja, então que esse poder seja usado para gerar mudanças para melhorar a vida desse indivíduo e conseqüentemente da comunidade.

Olhar para o futuro, avaliar e antecipar as formas para inclusão de nossos alunos na esfera das relações sociais, da cultura e do trabalho deve ser o nosso maior desafio, procurar fazer uma escola plural, onde caibam todos, de igual pra igual, sem diferenciação de cor, credo, posição social e que estimule o gosto pelo conhecimento através de um currículo amplamente discutido e avaliado pela comunidade escolar, e que tenha algo a ver com a realidade desses alunos, que lhes possibilite utilizar o aprendizado da sala-de-aula lá fora, na sua família, no seu trabalho, enfim, na sua vida. Procurar formar pessoas autônomas, preparadas para lidar com a diversidade e com as adversidades para participar assim da sociedade como um indivíduo competente, digno e responsável e em consequência disso tudo, feliz. Este trabalho representa uma breve reflexão a cerca da aprendizagem numa perspectiva materialista dialética. Nesta linha de abordagem do fenômeno educacional, localizou-se a aprendizagem na leitura e escrita como fator de desenvolvimento humano e foi distribuído em capítulos da seguinte forma: O primeiro tratará da importância da família e da escola no crescimento individual de uma criança, mostrará o significado do apoio dos pais para ultrapassar as dificuldades que surgem com o passar do tempo. O segundo, irá discorrer sobre a intervenção psicopedagogia no surgimento dos problemas de aprendizagem e os obstáculos dessa aprendizagem na escola e irá apresentar as dificuldades de aprendizagem que atrapalham a vida escolar da criança.

Será abordado, de modo geral, neste trabalho, as dificuldades de aprendizagem que incluem problemas nos campos do comportamento e da aprendizagem, qual seja de coordenação, baixo nível de concentração, problemas na codificação e decodificação simbólica, irregularidades na lectoescrita, disgrafias, desajuste emocional leve, baixa auto-estima, dificuldades de fixação, pouca habilidade social ou agressividade, que são causas para a maior incidência de reprovação nos dias em que o indivíduo frequenta a escola. Será construído um paralelo sobre esses assuntos para que juntamente, pais e comunidade escolar, possam, estudar formas de viabilizar um currículo, talvez mais flexível, no que tange a sanar essas dificuldades que têm atropelado muita criança, transformando estas em adultos vazios e frustrados.

CAPÍTULO I

1. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO CRESCIMENTO INDIVIDUAL DE UMA CRIANÇA

O aprendizado e o desenvolvimento cognitivo de uma criança começam muito antes da educação formal, onde quer que essa educação aconteça – em casa, na creche, na pré-escola ou no ensino fundamental. Os três primeiros anos de uma criança são as fases de maior aprendizado e desenvolvimento. É quando se formam 90% das conexões entre os neurônios que a pessoa terá ao longo de sua vida, o que transforma esse período no mais decisivo para o processo de formação de aptidões, sejam elas sensoriais, motoras, emocionais, cognitivas ou psicossociais.

Acompanhar o desenvolvimento e crescimento de um filho, revisar o dever de casa, ler histórias, levá-los à escola pontualmente, verificar se carregam os materiais necessários para a aula do dia, é uma tarefa de fácil execução, mas que encontra resistência de certos pais, mesmo para executar tarefas como esta. Claro que seria injustiça generalizar, não se pretende aqui estereotipar característica de pais relapsos ou coisa assim para impor-lhe toda a culpa do fracasso escolar de seu filho. Infelizmente encontramos muitos pais que acham mesmo ser do professor toda a responsabilidade da vida escolar de seu filho. Educar a criança é coisa do professor que ficou lá na escola, aquela construção de alvenaria que tem por dever formar o cidadão do futuro.

Registre-se indignação com relação a pais que acreditam mesmo ser da escola a maior responsabilidade pelos caminhos que seus filhos têm que percorrer. Quantas vezes durante um dia de aula se vêem professores atuando como médicos, psicólogos, curandeiros, palhaços e até mesmo fazendo o papel de pais e quantas vezes, em conversas informais, na sala dos professores é possível ouvi-los afirmando que os maiores responsáveis pelo mau rendimento dos alunos são, além de outras coisas: a agressividade, a falta de limites e de padrões, perdas, pobreza. Tudo isso acaba afetando o lado psicológico da criança. A ausência dos pais na vida escolar gera problemas enormes que acabam refletindo na aprendizagem da criança e conseqüentemente no seu futuro como cidadão.

O que se pretende dizer com isso é que está faltando sim faltando a presença da família na escola da criança. Certos valores se perdem com essa ausência, os pais se tornam relapsos com relação aos acontecimentos que se passam no ambiente escolar e isso reflete diretamente na vida da criança que cresce tendo apenas por referência os ensinamentos que traz na memória ou anotados em seu caderno de tarefas e que foram ministrados pelo professor de sala de aula.

Percebe-se, portanto que a família está deixando de cumprir com o seu papel quanto aos valores que devem ser adquiridos ou quanto aos que devem ser transmitidos pela escola, pois muitas vezes, desconhecem completamente qualquer tipo de valor, ignoram de forma exacerbada, qual o seu dever com relação ao que o filho está aprendendo, ou quanto ao que o filho deve ser dentro e fora daquela instituição.

Mas faça-se aqui um parêntese, não podemos com isso, isentar a escola de sua parcela de culpa, não sejamos falsos usando de demagogias que não nos levarão a lugar nenhum. A escola também é culpada quando não “cria” ambiente para os pais dentro de seus muros, quando não possibilita, ou facilita sua freqüência e permanência ali dentro, quando não busca formas de estar mais presente no dia-a-dia da comunidade, quando não se envolve em atividades voltadas para o bem estar de sua comunidade, quando não desenvolvem projetos conjuntos. Talvez falte o diálogo necessário para que essa união se fortaleça, quem sabe, não está havendo aquela simpatia necessária para que essa união de forças

seja solidificada, para que esse desencontro de concepção de valores seja realmente anulado e substituído pela união de forças família-escola.

É indiscutível, a escola continua a ser a tábua de salvação, o pilar de sustentação da sociedade, mas se não mudarmos urgentemente nossa conduta, nossa postura, enquanto educadores ou pais continuaremos sim, a dar murros em ponta de faca, continuaremos a lutar por uma batalha perdida. Segundo Scalco (2002), em Revista Nova Escola, a grande preocupação da Educação Infantil é integrar a comunidade e seu conhecimento, acolher a cultura de grupo implica em uma transformação da escola. Acredita-se, que dessa forma iniciaremos uma completa mudança em nossas escolas.

“Tanto as comunidades escolares como as comunidades familiares não podem permanecer distanciadas em seu processo de desenvolvimento e funcionamento organizacional, mas devem estar vinculadas e aberta aos recursos educacionais que dispõem e determinar por sua historicidade a dimensão cognitiva e educativa que pretendem aplicar no processo de desenvolvimento humano, e mais precisamente no acompanhamento das novas gerações”.
(CAZELLI, 2000)

A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando este processo com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, juntando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação. Buscar, juntamente, escola e família oferecer conteúdos necessários para fazer de nossas crianças cidadãos com habilidades e capacidades para gerir sua própria vida com competência e predisposição para as vicissitudes da vida, cidadãos autônomos, críticos e solidários.

É com o acompanhamento dos pais e educadores preparados, que a criança terá uma preparação adequada às suas fases sem queimar etapas e vai aprender dentro das normas da sociedade seu espaço conquistado e seus limites e ao mesmo tempo desenvolverá capacidades e a aquisição de autonomia motora. Dessa forma, a família representa uma peça de grande importância para o desenvolvimento de uma aprendizagem saudável, porque desde a fase inicial da vida da criança, da fase que se trata do seu nascimento é fundamental que os pais sejam suas figuras de apego afinal, se as relações com os genitores não forem boas, pode ocorrer eventualmente relações de rivalidade e rejeição dessa criança com sua família e assim se tornar um indivíduo sem normas e limites em sua fase adulta.

Segundo Zagury (2000)

“Dar limites é: ensinar que os direitos são iguais para todos; que existem outras pessoas no mundo; dizer sim sempre que possível e não sempre que é necessário, mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não; ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que no futuro os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidades; desenvolver a capacidade de adiar satisfação, ser persistente, evitar que seu filho cresça pensando que todos no mundo têm de satisfazer seus mínimos desejos”.

Normas devem existir desde cedo caso se queira que as crianças adquiram condutas socialmente desejáveis e que ao mesmo tempo sejam felizes, então, é inevitável que estejam sujeitas a determinadas normas de disciplina, por outro lado exige também que o adulto reflita e seja comedido em suas próprias imposições, para que assim seja mais provável que estas normas sejam realmente razoáveis. Sendo assim, essas crianças serão pessoas sem sentimentos de vergonha, confiantes, sem ambivalências, com capacidade de cooperação, pouca teimosia e sem sentimentos de autodepreciação ou derrota.

CAPÍTULO II

2 A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGOGIA NO SURGIMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E OS OBSTÁCULOS DESSA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

2.1 APRESENTAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Primeiramente, antes de falarmos sobre as dificuldades da aprendizagem de nossas crianças, faz-se mister entender o que é aprendizagem.

A definição de aprendizagem é complexa e varia de autor para autor, gerando definições diversas e conflitantes durante o avanço da história. A definição de aprendizagem não deve ser confundida com a definição de ensino, pois este é o processo pedagógico por meio do qual se transmitem informações sobre um ensinamento determinado. Logo, embora intimamente ligado à aprendizagem, difere desta num ponto principal, o ensino supõe uma ação por parte de quem ensina, o ensinante ou educador. Para Jean Piaget (1972), a aprendizagem é provocada por situações, provocada por um experimentador psicológico, ou por um professor, com referência a algum ponto didático, ou por uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo. Além disso, é um processo limitado a um problema simples ou uma estrutura simples. A aprendizagem é mais bem definida como um processo evolutivo e constante, que envolve um conjunto de modificações no comportamento do indivíduo, tanto a nível físico como biológico, e do ambiente no qual está inserido, onde todo esse processo emergirá sob a forma de novos comportamentos.

Didaticamente o ensino moderno busca o aperfeiçoamento do indivíduo pela aprendizagem, e esta é a capacidade de aprender comum do ser humano. A aprendizagem representa uma adaptação ao meio à qual é necessária a sobrevivência de todo o ser vivo, é um processo complexo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta em uma mudança de comportamento.

Para Magda Soares (2002),

“(...) as desigualdades sociais é que seriam responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos na escola. Segundo essa concepção, as condições de vida de que gozam as classes dominantes e, em consequência, as formas de socialização da criança no contexto dessas condições permitem o desenvolvimento, desde a primeira infância, de características, hábitos, atitudes, conhecimentos, habilidades, interesses – que lhe dão a possibilidade de ter sucesso na escola”. (p. 13)

E continua afirmando que

“Ao contrário, as condições de vida das classes dominadas e as formas de socialização das crianças no contexto dessas condições não favoreceriam o desenvolvimento dessas características e, assim, seriam responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos delas provenientes”. (p. 13)

Partindo disto, pode se afirmar que a criança possui dificuldades de aprendizagem, quando apresenta desvios da expectativa de comportamento do grupo etário a que pertence, ou seja, quando ela não está ajustada aos padrões da maioria desse grupo, e, portanto seu comportamento é perturbado, diferente dos demais.

Apesar do conceito de dificuldades de aprendizagem apresentar diversas definições, será determinado, antes de se iniciar essa dissertação, a qual ou as quais estaremos fazendo referência neste trabalho, deste modo estaremos reduzindo a confusão com outros termos como, por exemplo, as necessidades educativas especiais, que não será abordado neste estudo monográfico.

Muitas crianças em fase escolar apresentam certas dificuldades em realizar uma tarefa, que podem aparecer por diversos razões, mas a presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente em um transtorno, que se traduz por um conjunto de sinais (sintomas) que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição de informações de uma forma segura.

“A escola, a rigor, não se deu conta de que ensinar bem é favorecer a memória de longo prazo das crianças, para que estas armazenem informações e conhecimentos por um longo período da vida escolar. Assimilar bem os conteúdos escolares deve ser verdadeiramente a finalidade última da escola. Numa linguagem comum, ensinar para vida é ensinar a pescar e não se limitar a dar o peixe: é ensinar a aprender a aprender. É numa palavra: desenvolver, na criança, a capacidade de aprender”. (MARTINS, 2003)

Compreender nossos alunos, ao invés de excluí-los. Pode não ser uma tarefa fácil, mas é necessária, afinal, está em nossas mãos o futuro que irão ter. Depende muito do professor, com todos os percalços que sabemos existir, o resultado que se obterá quando esse indivíduo que temos em sala, sair pelo mundo, para assumir suas responsabilidades como ser social.

Das habilidades da linguagem verbal: leitura, escrita, fala e escuta, a leitura é a habilidade lingüística mais difícil e complexa a ser realizada, esta é um processo de aquisição da lectoescrita e, compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

A decodificação é a capacidade que temos para identificarmos um símbolo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade consiste no reconhecimento das letras ou símbolos gráficos e na tradução destes para a linguagem oral ou para outro sistema de símbolo. Sua aprendizagem se consegue através do conhecimento do alfabeto e da leitura oral.

Para que a leitura aconteça, três pontos são essenciais: transformar, compreender e julgar. Por exemplo: a criança transforma símbolos em leitura quando converte o que escreveu em linguagem oral. Compreende quando consegue captar e dar sentido ao conteúdo da escrita e julga, se tem a capacidade de analisar a mensagem do contexto. Enfim, ler, não é apenas ler as palavras nas linhas, mas ler as entrelinhas, o ausente, o que não está explícito no texto.

2.2 DISTÚRBO DE LEITURA E ESCRITA

2.2.1 Dislexia

São alterações na escrita que pode vir ou não acompanhadas de alterações na escrita decorrente de fatores extrínsecos e intrínsecos.

Por se apresentar um distúrbio muito preocupante e sério e que afeta um número muito grande de indivíduos, abrir-se-á um espaço em separado para se falar, debater e porque não, aprender sobre dislexia. Do que se trata, a quem atinge, qual é seu malefício, qual seu tratamento.

Existem várias definições para este distúrbio, mas todos convergem em um mesmo resultado, conforme se segue:

A Dislexia é uma dificuldade específica de linguagem, que se apresenta na língua escrita que emerge nos momentos iniciais da aprendizagem da leitura e da escrita, mas que muito dantes já se encontrava subjacente a este processo; é um distúrbio específico de linguagem de origem constitucional, caracterizada por dificuldade (do que lê) na codificação de palavras isoladas, causada por uma ineficiência no processamento da informação fonológica é um transtorno da leitura, e é caracterizado por uma dificuldade específica em compreender palavras escritas. Dessa forma, pode-se afirmar que se trata de um transtorno específico das habilidades de leitura, que sob nenhuma hipótese está relacionado à idade mental, problemas de acuidade visual ou baixo nível de escolaridade.

Segundo pesquisas, 15% da população brasileira e 10% da mundial, sofre do distúrbio de dislexia. De acordo com o professor de Lingüística e Leitura do Curso de Letras da UVA, em Sobral, estado do Ceará, Vicente Martins (2003), a dislexia é a maior causa do fracasso escolar. A criança disléxica é um mau leitor: é capaz de ler, mas não é capaz de entender eficientemente o que lê. Para o professor, a linguagem é fundamental para o sucesso escolar. Ela está presente em todas as disciplinas e todos os professores são “virtualmente” professores de linguagem, porque utilizam a língua materna como instrumento de transmissão de informações. Mas não é um problema de inteligência, ou visual ou auditiva. A dislexia é um distúrbio de aprendizagem, melhor observado na hora da alfabetização. Quem tem dislexia, tem dificuldade para ler e escrever, troca as letras de lugar, tem problemas de memória imediata e de coordenação motora, têm dificuldades específicas para reconhecer, reproduzir, identificar, associar e ordenar os sons e as formas das letras, bem como para organizá-los corretamente. Tem origem genética e acontece com maior freqüência em pessoas do sexo masculino, na proporção de três homens para cada mulher. Infelizmente, os estudos sobre o

que acontece ao cérebro de uma pessoa disléxica ainda estão engatinhando, o que não ajuda na identificação precoce do distúrbio, e também prejudica o tratamento. Muitas vezes, pela falta de conhecimento sobre o assunto, a dislexia é diagnosticada apenas quando o indivíduo já se encontra adulto e cheios de traumas por tentar e não conseguir disfarçar o problema que o acompanha desde a infância.

Até o momento, três graus de dislexia já foram anotados e são conhecidos:

A leve: causa uma pequena dificuldade para aprender a escrever e ler, o aluno troca algumas letras. É comum nem ser detectada;

A de grau médio: em que o indivíduo além de trocar letras e palavras, custa a entender um assunto. Quando ouve uma explicação, a esquece porque tem problemas de memória imediata;

Severa: o tratamento é fundamental, por conta da dificuldade em escrever e ler, dos problemas de memória e de coordenação motora.

O tratamento para este distúrbio deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, que reúne fonoaudiólogos, psicopedagogos, neurologistas e até mesmo oftalmologistas e otorrinolaringologistas. A criança precisa ser avaliada para ver se não tem nenhum problema de visão, audição, ou neurológico para ter certeza de que se trata mesmo de dislexia.

Apesar de os alunos portadores do distúrbio normalmente serem considerados preguiçosos ou desleixados porque têm dificuldades para gravar o que o professor explica, não são nada burros, afinal, para se diagnosticar o indivíduo como disléxico, a primeira medida que se toma é a realização do teste de QI e sua pontuação deve ser acima da média. Ao contrário do que se pensa, a maioria dos portadores desse distúrbio são crianças muito inteligentes.

Por isso, por ser o professor a pessoa com quem a criança, fora do seu lar e das pessoas da família, está o maior tempo presente com ela, algumas observações podem ser feitas e alguns cuidados devem ser tomados, para que não se produza na criança situações de exclusão ou de desrespeito:

No início do processo de alfabetização, a criança que apresenta dificuldades na linguagem oral, nesse momento, ela dá pistas de ter dificuldades

para relacionar-se ou integrar-se em seu grupo, neste momento deve acontecer a intervenção do professor, com orientações aos pais e encaminhamento a profissionais especializados. Quando a criança não se faz entender, normalmente vira alvo de gozação ou de exclusão do grupo, o que provavelmente repercutirá em seu rendimento escolar. Outro momento em que é imprescindível a intervenção do profissional de sala, no sentido de coibir qualquer atitude de grosseria com esta criança.

Mas, sem o apoio escolar, alunos disléxicos não conseguem ir muito longe. Tiram sucessivas notas baixas e costumam ser alvo de piadas dos colegas de classe. Migrar de escola em escola nessa fase da vida é algo comum. Então, cabe aos pais e ao professor de sala, aceitar a dislexia como uma dificuldade da linguagem que deve ser tratada seriamente por um profissional que seja especializado na área, deve ser tratada precocemente, nos primeiros anos da educação infantil, pois isso evitará que o aluno, no ensino fundamental, apresente perturbações de ordem emocional, afetiva e lingüística, o que pode conduzir a comportamentos anti-sociais, à agressividade e marginalização progressiva desse indivíduo.

Qualquer criança que apresente problemas de qualquer ordem merece e tem o direito de ser tratada com respeito. Merece que seu problema seja estudado e que lhe sejam oferecidas alternativas. Precisam, sobretudo, de um ambiente que lhe seja familiar, que lhes transmita confiança, amor, atenção, afeição e oportunidades de aprender e fazer descobertas. Afinal, a escola é a mais significativa referência para a criança, sendo que os vínculos ali estabelecidos influenciarão sua capacidade para formar novas relações humanas.

A seguir serão apresentados alguns aspectos que podem ajudar na identificação do distúrbio, segundo Gorman (2005):

2.2.1.1 Na pré-escola

- Ele persiste em falar como um bebê;
- Frequentemente pronuncia palavras de forma errada;
- Não consegue reconhecer as letras que soletram seu nome;

- Tem dificuldade em lembrar o nome de letras, números e dias da semana;
- Leva muito tempo para aprender novas palavras;
- Tem dificuldade em aprender rimas infantis;
- Pouca coordenação motora, tanto a chamada grossa (dificuldade em se vestir, chutar uma bola, fazer ginástica, por exemplo), como a coordenação motora fina (dificuldade em pintar dentro dos limites do papel, por exemplo);
- Dificuldade em montar quebra-cabeças, mesmo os mais simples;
- Atraso no desenvolvimento da fala;
- Desinteresse por livrinhos de história, mesmo os de figuras;
- Confusões entre esquerda e direita;
- Demonstram dificuldade ao tentar rimar palavras e reconhecer letras e fonemas;
- Tem dificuldade em dividir palavras em sílabas;
- Não consegue ler palavras simples e monossilábicas, tais como “rei” ou “bom”;
- Comete erros de leitura que demonstram uma dificuldade em relacionar letras a seus respectivos sons;
- Reclama que ler é muito difícil;
- Frequentemente comete erros quando escreve e soletra palavras;
- Memoriza textos sem compreendê-los;

2.2.1.2 Nas primeiras séries

- Omissão de algumas letras nas palavras;
- Troca de letras, como o b pelo d;
- Letra feia ou quase ilegível;
- Dificuldade em decorar tabuada ou as letras do alfabeto;

- Déficit de memória de curto termo (não grava instruções, números de telefone);
- Compreensão na leitura mais lenta do que a esperada para a idade;
- Vocabulário pobre: não sabe nomes de objetos, faz sentenças curtas, de estrutura muito simples para a idade;
- Dificuldade em pronunciar palavras longas;
- Ótimo desempenho em provas orais, não compatível com as notas baixas nas provas escritas.
- Não conseguem ler palavras curtas e simples, têm dificuldade em identificar fonemas e reclamam que ler é muito difícil;
- Têm dificuldade em soletrar, ler em voz alta e memorizar palavras;
- Frequentemente confundem palavras;
- Comete erros ao pronunciar palavras longas ou complicadas;
- Confunde palavras de sonoridade semelhante, como “tomate” e “tapete”, “loção” e “canção”;
- Utiliza excessivamente palavras vagas como “coisa”;
- Pula partes de palavras quando estas têm muitas sílabas;
- Costuma substituir palavras difíceis por outras mais simples quando lê em voz alta; por exemplo, lê “carro” invés de “automóvel”;
- Comete muitos erros de ortografia;
- Escreve de forma confusa;
- Não consegue terminar as provas de sala-de-aula;
- Sente muito medo de ler em voz alta;
- Seu nível de leitura está abaixo de seus colegas de sala-de-aula;
- Inverte a ordem das letras – “bolo” por “lobo”, “lago” por “logo”;
- Tem dificuldades em soletrar palavras;
- Soletra a mesma palavra de formas diferentes numa mesma página;
- Lê muito devagar;

- Evita ler e escrever;
- Tem dificuldade em resolver problemas de matemática que requeiram leitura;
- Tem muita dificuldade em aprender uma língua estrangeira;

Esses são apenas alguns dos muitos sinais que identificam que uma criança sofre de dislexia, observar pode ser a melhor saída para detectar essa disfunção.

2.2.1.3 O tratamento

A maioria das crianças que apresentam qualquer transtorno de aprendizagem necessita de intervenção psicopedagógica e, na maioria das vezes, de intervenção de uma fonoaudióloga e esta criança deve continuar participando das aulas no seu dia-a-dia, sua rotina não deve, em hipótese alguma ser modificada. Porém, existem casos em que o grau do transtorno exige que a criança passe por programas educativos individuais e intensivos. Mas independentemente disso, é importante que a criança continue a assistir e a participar das atividades escolares normais.

Cabe ao profissional responsável pela sala de aula, onde a criança estuda, levar ao conhecimento da equipe pedagógica escolar o caso pelo qual seu aluno ou aluna está passando. Deixar a todos cientes de seu problema para assim, estabelecer junto à escola uma maior qualidade do processo de aprendizagem, para suprir suas necessidades, através do que esta criança é capaz de oferecer e do que a escola exige dar a ela um tratamento adequado e diferenciado, mas sem com isso estereotipá-la.

Além de um melhor ajuste da proposta educacional, outras variáveis deverão merecer a atenção do professor e da equipe pedagógica, dependendo de sua severidade as crianças portadoras deverão passar por um processo terapêutico. Por isso, é necessário que o profissional de sala esteja atento para a avaliação de um quadro desses. Dependendo do caso, o psicólogo é o profissional indicado para tratar dos problemas emocionais vinculados ao tipo de transtorno que a criança venha a apresentar.

O psicopedagogo, segundo Gorman (2005), ao encontrar uma criança que apresente dislexia deverá:

- Levá-la a reencontrar-se consigo mesmo. Através de mudanças no sistema motivacional;
- Favorecer um controle emocional durante a leitura e auxiliar para que tenha uma boa imagem de si mesmo e consiga conviver com as dificuldades;
- Possibilitar ao dislético o reencontro com a leitura. Partindo de textos curtos, interessantes e lidos de forma conjunta, possibilitar que a leitura desperte, no dislético, sentimentos positivos;
- Criar redes com a escola e a família

Toda escola precisa de oferecer um bom programa educacional que estabeleça objetivos específicos de progresso para o ano letivo dessas crianças. É necessário dedicar muita atenção para que a dislexia seja superada; sendo assim, que o professor seja paciente com um aluno dislético, e não deixe que a criança sofra de baixa auto-estima; incentivando-a sempre a buscar novas atividades e interesses, tais como esportes ou música, e sempre o recompensando-a quando ele progredir em seus estudos. Nunca é tarde demais para ensinar disléticos a ler e a processar informações com mais eficiência. Entretanto, diferente da fala – que qualquer criança acaba adquirindo – a leitura precisa ser ensinada. Utilizando métodos adequados de tratamento e com muita atenção e carinho, a dislexia pode ser derrotada. Crianças disléticas que receberam tratamento desde cedo apresentam uma menor dificuldade ao aprender a ler. Isso evita com que a criança se atrase na escola ou passe a desgostar de estudar.

É importante enfatizar que a dislexia não é curada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo. Crianças disléticas que foram tratadas desde cedo superam o problema e passam a se assemelhar àquelas que nunca tiveram qualquer dificuldade de aprendizado. Mas não há a possibilidade de generalizar esse tratamento porque não há um só tratamento que seja adequado a todas as pessoas, não existe um tratamento específico. Mas, a maioria dos tratamentos enfatiza como sendo primordial a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário e a melhoria da compreensão e fluência na leitura.

Esses tratamentos ajudam o dislético a reconhecer sons, sílabas, palavras e, por fim, frases e é aconselhável que a criança disléxica leia em voz alta com um adulto para que ele possa corrigi-la.

É importante saber que ajudar disléxicos a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção e repetição. Mas um bom tratamento certamente rende bons resultados. Alguns estudos sugerem que um tratamento adequado, administrado ainda cedo na vida escolar de uma criança, pode corrigir as falhas nas conexões cerebrais ao ponto que elas desapareçam por completo.

Toda criança necessita de apoio e paciência e as crianças disléxicas parecem necessitar de mais ainda; muitas sofrem de falta de autoconfiança, pois se sentem menos inteligentes que seus amigos. Porém, um bom tratamento pode ajudar a amenizar o problema. Apesar das salas de aula estarem lotadas e apesar da falta de recursos para pesquisas, a dislexia precisa ser combatida.

Infelizmente muitos desses casos passam despercebidos em nossas escolas. Muitas vezes, crianças inteligentíssimas, mas que sofrem de dislexia, aparentam ser péssimos alunos; muitas dessas crianças se envergonham de suas dificuldades, abandonam a escola e se isolam de amigos e familiares. Muitos pais, por falta de conhecimento, se envergonham de ter um filho dislético e evitam tratar do problema. Isso é de se lamentar, pois crianças disléxicas que recebem um tratamento apropriado podem não apenas superar essa dificuldade, mas até utilizá-la como benefício para se sobressair pessoal e profissionalmente. Cabe ressaltar, que muitos disléxicos tiveram grande sucesso profissional; existe uma alta porcentagem deles entre os grandes artistas, cientistas e executivos a ponto de levar muitos especialistas a acreditar que pessoas disléxicas, por serem forçadas a pensar de forma diferente, são mais habilidosas e criativas e têm idéias inovadoras que superam as das outras crianças.

O tratamento deve ser realizado por um especialista ou alguém que tenha noções de ajuda ao dislético e deve ser individual e freqüente. Mas algumas, orientações, de acordo com Gorman (2005), podem ser seguidas:

- Durante o tratamento deve-se usar material estimulante e interessante Quando forem usados jogos e brinquedos, empregar preferencialmente os que contenham letras e palavras;

- Reforçar a aprendizagem visual com o uso de letras em alto relevo, com diferentes texturas e cores. É interessante que ele percorra o contorno das letras com os dedos para que aprenda a diferenciar a forma da letra;
- Deve-se iniciar por leituras muito simples com livros atrativos, aumentando gradativamente conforme seu ritmo;
- Não exigir que faça avaliação de outra língua. Deve-se dar mais importância na superação de sua dificuldade do que na aprendizagem de outra língua;
- O tratamento psicológico não é recomendado a não ser nos casos de graves complicações emocionais;
- Substituir o ensino através do método global (já que não consegue perceber o todo), por um sistema mais fonético, mais centralizado;
- Não estimule a competição com colegas nem exigir que ele responda no mesmo tempo que os demais; destacar sempre os aspectos positivos em seus trabalhos.
- Orientar o aluno para que escreva em linhas alternadas, para que tanto ele quanto o professor possa entender o que escreveu e para que assim se possa corrigir eventuais erros;
- Quando a criança não estiver disposta a fazer a lição em um dia ou outro não a forçar. Procurar alternativas mais atrativas para que ele se sinta estimulada; diminuir os deveres de casa que envolvam leitura e escrita
- Procurar mostrar onde errou, porque errou e como evitá-los. Mas sem criticar negativamente seus erros e nunca exagerar nas inúmeras correções, isso poderá desmotivar a criança. Procurar mostrar apenas os erros mais relevantes;
- Pedir que os pais releiam o diário de classe sem criticá-los por não conseguir fazê-lo, pois a criança pode esquecer o que foi pedido e/ou não conseguir ler as instruções.
- Sempre que possível, realizar avaliações oralmente.
- Não pretender que alcance um nível leitor igual aos dos outros colegas.

- Valorizar sempre os trabalhos pelo seu conteúdo e não pelos erros de escrita.

2.2.2 Disgrafia

Quanto à disgrafia, que é um transtorno específico da escrita: a criança apresenta um nível de escrita significativamente inferior ao esperado para sua idade e série escolar, e isso influi negativamente em sua aprendizagem escolar. Este transtorno está intimamente relacionado com a leitura e exige da criança um sobre esforço da atenção e apresenta poucos resultados favoráveis e é caracterizado por problemas com a linguagem escrita, que dificulta a comunicação de idéias e de conhecimentos através desse específico canal de comunicação. A disgrafia é também chamada de letra feia. Isso acontece devido a uma incapacidade de recordar a grafia da letra. Ao tentar recordar este grafismo escreve muito lentamente o que acaba unindo inadequadamente as letras, tornando a letra ilegível. Mas vale lembrar que não está associada a nenhum tipo de comprometimento intelectual e apresenta com frequência, de acordo com Araujo (2004) os seguintes problemas:

- Inversão de sílabas;
- Omissão de letras;
- Escrita de letras espelhadas;
- Escrita contínua ou com separações incorretas;

Há disléxicos sem problemas de coordenação psicomotora, embora, possam ter dificuldades com leitura ou com a interpretação da linguagem escrita. Mas há disléxicos com graves comprometimentos no traçado de letras e de números. Eles podem cometer erros ortográficos graves, omitir, acrescentar ou inverter letras e sílabas. Sua dificuldade espacial se revela na falta de domínio do traçado da letra, subindo e descendo a linha demarcada para a escrita. Há disgráficos com letra mal grafada, mas inteligível, porém outros cometem erros e borrões que quase não deixam possibilidade de leitura para sua escrita cursiva, embora eles mesmos sejam capazes de ler o que escreveram.

Dos simples movimentos para seguir uma linha e, destes, para o refinamento da motricidade fina, que envolve o traçado da letra e do número e de

suas seqüências coordenadas, podem transformar-se em trabalho especialmente laborioso. Razão porque se torna extremamente difícil para o disléxico aprender a escrever pela observação da seqüência de movimentos ensinadas pelo professor.

Segundo Araujo (2004), algumas características que podem ser observadas para que o diagnóstico possa ser positivo para disgrafia:

- Lentidão na escrita;
- Letra ilegível.
- Escrita desorganizada;
- Traços irregulares: ou muito fortes que chegam a marcar o papel ou muito leves;
- Desorganização geral na folha por não possuir orientação espacial.
- Desorganização do texto, pois não observam a margem parando muito antes ou ultrapassando. Quando este último acontece, tende a amontoar letras na borda da folha.
- Desorganização das letras: letras retocadas, hastes mal feitas, atrofiadas, omissão de letras, palavras, números, formas distorcidas, movimentos contrários à escrita (um S ao invés do 5 por exemplo);
- Desorganização das formas: tamanho muito pequeno ou muito grande, escrita alongada ou comprida;
- O espaço que dá entre as linhas, palavras e letras são irregulares;
- Liga as letras de forma inadequada e com espaçamento irregular.

2.2.2.1 O tratamento

O disgráfico não apresenta características isoladas, mas um conjunto de algumas destas citadas acima. Mas ao suspeitar que uma criança tenha disgrafia, a criança deve ser encaminhada a um profissional qualificado como psicólogo ou psicopedagogo para que seja providenciada uma avaliação.

O tratamento consistirá em detectar a causa o mais rápido possível, e realizar uma atenção individualizada e específica sobre cada caso em questão, por

parte de um especialista em psicologia infantil. É conveniente intervir quanto antes para que não aumente o problema nas séries seguintes. O tratamento pra esse transtorno requer uma estimulação lingüística global e um atendimento individualizado complementar à escola e algumas coisas devem ser observadas: os pais e professores devem evitar repreender a criança. O professor de sala deve reforçar o aluno de forma positiva sempre que conseguir realizar uma conquista; na avaliação escolar dar mais ênfase à expressão oral; evitar o uso de canetas vermelhas na correção dos cadernos e provas e conscientizar o aluno de seu problema e ajudá-lo de forma positiva e também pode ajudar trabalhando com motricidade fina (recortes, colagens, picotagens, etc.) ou com a orientação visual espacial (labirintos, jogos de simetria e de diferenças).

CAPÍTULO III

3 ASPECTOS QUE O CURRÍCULO ESCOLAR PODE CONTEMPLAR PARA NÃO EXCLUIR CRIANÇAS COM DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM

A educação, como um todo, não deixa dúvidas da sua importância para a pessoa na sua individualidade, para a família para a sociedade, para o País e para o mundo...

“Alguns educandos, com formação escolar, tornam-se maus leitores, que não resistem a uma simples soletração cumulativa, alfabética, ou mesmo a dizer o significado literal, ao pé da letra, de uma palavra num ambiente textual. Um mau leitor, no ensino médio, pode ser gerado ou forjado no ensino fundamental. (MARTINS, 2003)”

No processo educacional cabe ressaltar a primazia da educação infantil que, se bem qualificada, é elemento desencadeador do desenvolvimento da criança, da construção de conhecimentos e base para a aprendizagem subsequente. Mal realizadas, pode criar bloqueios, deixar marcas comprometedoras no processo cognitivo da pessoa, com reflexo na sua condição de cidadão. Daí a preocupação com o desenvolvimento infantil, pois é o alicerce posicional da vida do ser humano.

Buscando o conceito para nortear idéias, entende-se que currículo é toda experiência vivenciada e internalizada pelo indivíduo, tendo como referências os aspectos sociais e culturais dos quais a criança é detentora e, portanto, deve ser flexível. Quando o ambiente escolar se compromete politicamente com a aprendizagem do educando, todos os profissionais que nela atuam se mobilizam para que ele aprenda. Então, cada etapa do currículo deve ser planejada em função dos fins pretendidos e da realidade concreta que os determina. Um currículo deve

ser alicerçado em princípios sólidos, que transfiram ao agir pedagógico as possibilidades de estímulos quando direcionados à construção do conhecimento e à conquista da independência de movimentos que significam para a criança os primeiros passos em busca de sua autonomia. Como agente de sua história, o currículo é, portanto, sujeito ativo na construção de seu saber.

Uma proposta de currículo deve contemplar todas as áreas do desenvolvimento infantil, respeitando as características de cada faixa etária e a realidade da criança, da escola e da comunidade escolar.

Nele devem ser enfatizados e priorizados os conteúdos que a observação constante do educador julgue mais importante e necessário, para a sua classe. Esses conteúdos serão desenvolvidos através de uma ação pedagógica norteada pela criatividade e pelo senso de oportunidade: da maneira mais interessante e no melhor momento e que seja acompanhado de bom senso ao escolher os temas a serem trabalhados, que estes tenham a ver com a realidade da criança, que lhe seja algo palpável e que tenha coerência com princípio, meio e fim e não assuntos fragmentados e sem nexo para sua realidade, devendo então interpretar-se, numa organização ditada pelos interesses e necessidades dos alunos e educadores. Então, conteúdos educadores e alunos não serão somente objetos, mas, também sujeitos deles participando ativamente de sua construção.

Todo esse processo tem de estar sob a orientação do educador infantil, que, consciente de sua realidade e responsabilidade, sempre aberto a novas abordagens, não deverá dispensar a participação da família e do próprio educando sem seu fazer pedagógico. Hoje, a educação infantil é prioridade na LDB, por isso, deve ser a preocupação maior de cada entidade escolar. O ato pedagógico deve ser o marco de uma gestão, atendendo às necessidades reais das crianças.

Este novo agir pedagógico deve ser criativo, flexível e contextualizado, de forma a atender a individualidade e ao coletivo. Deverá ser o eixo organizador da aquisição e da construção do conhecimento. O que para tal, é necessário reinventar o espaço educativo, que é a sala de aula, para que nele possa ser vivenciado o que diz Celéstin Freinet (2005):

“aprendizagem se dá pelo tato experimental; a criança não aprende sozinha, ela precisa da intervenção do professor, que é o mediador, para aproximá-la dos conhecimentos da comunidade, pois ela poderá transformá-la e assim modificar a sociedade em que vive...”

O professor, sendo o orientador pedagógico, é o provocador das intenções do sujeito com o mundo físico e social, responsável por oportunizar-lhe vivências e situações de trocas, propiciando, assim, maior autonomia e cooperação e aspectos básicos para a formação de um verdadeiro cidadão.

Priorizando um novo agir, com novas mentalidades, propõe-se aqui atividades que partam do saber da criança, compreendidas pelo professor através de leituras das diversas individualidades. Tais leituras poderão instrumentalizar o educador e deverão ser desenvolvidas, de forma organizada, em atividades significativas.

Como agentes norteadores, o professor e a comunidade escolar deve se fundamentar no fato de que a criança é seu maior símbolo de batalha, é por ela que tudo acontece em uma unidade escolar e é por ela que mudanças devem acontecer, paradigmas devem ser descartados, velhos modelos curriculares re-analisados. Para Ana Taberoski (1992: 25):

“cada criança tem seu próprio jeito de aprender e que os professores devem perder a mania de reprovar alunos.” Crianças com maiores dificuldades, exigem mais esforço do professor. E em vez de lhe dar mais atenção, ele prefere a punição”.

Um novo currículo deve reconhecer na criança o seu processo de desenvolvimento infantil, bem como respeitá-lo; deverá propor ao educando um trabalho que ofereça a experimentação, a representação, a operação e a construção de estruturas mentais que possibilitem um melhor conhecimento de si mesmo, integrando-se e adaptando-se à sociedade; proporcionar atividades pedagógicas que favoreçam a construção do saber pelo próprio educando, cuidando para que cada um seja visto como um sujeito único, social, inteligente, solidário e transformador, estimulando sua curiosidade de experimentar e conhecer o mundo em que vive.

Nos seus procedimentos, o professor deve ser desafiador, a tal ponto que os educandos superem suas dificuldades motoras, afetivas, cognitivas..., sempre em constante ascensão para patamares superiores; observar que o planejamento pedagógico deve recriar o velho e organizar a liberdade do educando para as expressões de linguagens gráficas, corporais, plásticas, verbais; procurar o desenvolvimento de atividades que, a partir da leitura do mundo, coloquem os educandos em contato com a lecto-escrita, favorecendo a compreensão de suas funções e a construção das condições ideais para a alfabetização; desenvolver uma

rotina de cunho-teórico-prático, de modo a torná-la uma construção social, individual e coletiva, afim de que, a partir dela, o educando passe a organizar-se no tempo e no espaço, democrática e dinamicamente; organizar o ambiente escolar de forma a oferecer as novas aprendizagens, possibilitando ao educando vivências e experiências de ser sujeito de suas ações.

É necessário que se contextualize o fazer pedagógico e que este passe a considerar a autonomia conquistada moral e a intelectual, além da cognitiva. É através dessas autonomias que a criança, como ser humano, construirá a consciência de sua existência como indivíduo que age, reflete e sabe porque age. Será um ser consciente da realidade em que vive e construirá sua real libertação. Para Vygotsky (1991), as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos.

Atualmente, mais que outrora, é necessário um currículo para a educação infantil para que a proposta da escola esteja voltada ao âmago de uma formação, por excelência comprometida com o presente, de acordo com as diretrizes nacionais, contribuindo para a formação do cidadão de amanhã. Criança não é somente o futuro, criança é presente. E, deste presente, obteremos os resultados no futuro.

Pensar numa proposta dessa natureza que não exclua nem esta nem aquela criança seja por sua cor, seja por sua deficiência, seja por sua dificuldade na hora de aprender, exige competência e pré-disposição para agir, pois nos remetem à questão de termos de recriar um educador autônomo, seguro, confiante, em suas capacidades de transformar a realidade, contribuindo para a formação de indivíduos autônomos, críticos e solidários.

“Presenças e ausências nos currículos resultam de disputas culturais e de embates em torno dos conhecimentos, das habilidades e dos valores considerados dignos de serem transmitidos e apreendidos, bem como dos significados que se deseja ver compartilhados. Questionar as discriminações nas escolas e nas salas de aula implica problematizar as categorias e os processos que as têm construído. Implica analisar razões e efeitos das ênfases e omissões referentes a saberes, significados e identidades”. (MOREIRA, 1990: 176)

Toda a escola deve estar envolvida na recepção dessa criança, deve estar unida a sua volta para que ela não se perca. Que o professor não seja um simples técnico, mas uma força estimuladora da melhoria do ensino. Que a cozinheira não seja apenas a pessoa que prepara a comida, que supervisores e

funcionários não sejam aqueles que reprimem, varrem ou espanem seguindo rotinas inteiramente desvinculadas da ação educacional, mas se tornem colaboradores do processo educativo. Que os professores se empenhem em promover a autoconfiança dos alunos, para que eles sintam vontade real de aprender cada vez mais. Respeitando as linguagens regionais e a fala coloquial, respeitando os problemas e as dificuldades individuais, estimulando as crianças a compreenderem e a questionarem a realidade que as cerca.

Os professores, num projeto integrado, podem desenvolver uma ação educativa que ultrapassa os muros da escola, podem e devem fazer acontecer uma escola nova, uma escola que nossas crianças precisam, mais humana, mais sadia, a escola do novo século, a que todos nós queremos, seja para os nossos quanto para os filhos dos outros. É elemento fundamental de qualquer proposta pedagógica: o respeito ao universo cultural dos alunos. As crianças que apresentam qualquer dificuldade ao aprender um conteúdo podem fazer muita coisa para garantir sua sobrevivência, mas, por si sós, não têm condições de aprender o que necessitam para participar da sociedade letrada. Uma das maiores tarefas do professor psicopedagogo deverá ser a de introduzir a criança no domínio do código culto, mas valorizando a vivência e a bagagem de cada uma delas, deve servir de ponte entre os conhecimentos práticos já adquiridos pelo aluno e o conhecimento formal exigido pela sociedade letrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegada a hora de buscarmos reflexões sobre a prática pedagógica em nossas escolas, na tentativa de analisar, reconhecer e aceitar os seus problemas, refletindo sobre alterações possíveis e necessárias. Muitas vezes, precisamos apenas olhar com mais carinho por nossos alunos, sem antes o rotularmos, afinal, muitas crianças encaminhadas para atendimento por dificuldades na aquisição da leitura e escrita, quando avaliadas, nada demonstraram de anormal e estavam dentro de um processo normal de aprendizagem. É, portanto, um caminho difícil de ser trilhado, complexo, e tem que ser de total responsabilidade, pois as consequências de um diagnóstico leviano podem ser desastrosas para a vida de um educando. *“O sujeito da educação é o corpo, porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver”.* (ALVES, 2005)

Apresentaram-se aqui, vários caminhos, táticas, observações que podem ser feitas por pais ou professores, mas qualquer atitude mais rigorosa tem que, antes de tudo ser tomada por autoridades competentes e capacitadas para tal, sob a pena de rotularmos e dessa forma colocarmos fim ao interesse pela aprendizagem, à vontade de aprender que todos carregam dentro de si. E nossa prática pedagógica tem uma capacidade muito grande de conseguir isso. A prática pedagógica escolar deve ainda cuidar pra não ser preconceituosa, afinal, grande maioria de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem são pobres ou

marginalizadas. Muitas vezes, mesmo inconscientemente, associam-se os fracassos da sala de aula ao nível socioeconômico da criança. O aluno sente-se excluído quando é reprovado numa 1ª e numa 2ª vez, vai lendo nas estrelinhas de que a escola não é seu lugar; acima de tudo, produz fracassados sociais, crianças condenadas a subempregos, mal-remuneradas, à margem de cidadania. O analfabetismo se concentra onde há crianças que não conseguem entrar na escola e as muitas crianças que entra não têm sucesso, nos bairros periféricos com menor renda que percebemos um maior índice de fracasso escolar, pois os mesmos excluídos da escola são excluídos da habitação, da alimentação, da saúde e da sociedade de forma geral. O professor tem a obrigação de estar alerta para não cometer falsas interpretações sendo dessa forma injusto, prejudicando pra sempre a vida de seu aluno.

Corina Dotti, (In: GROSSI, e BORDIN 1994: 27) em uma de suas literaturas insiste em não deixar o professor esquecer que

“A questão do fracasso escolar está ligada aos preconceitos da criança e a pobreza, portanto, a superação do fracasso escolar é uma tarefa pedagógica. Nós, professores, participamos de três lutas: a luta salarial, a luta pela melhoria das condições de vida do povo brasileiro e a luta pedagógica. A nossa maior arma é o conhecimento, quanto mais adquirirmos conhecimentos, mais podemos ajudar os alunos a produzir. A discussão e a ação têm que ser pedagógica, e a solução vêm através da competência dos professores comprometidos com as dificuldades de cada um de seus alunos, deixando de lado os preconceitos e ficando na necessidade pedagógica dos alunos”.

O diagnóstico positivo para um transtorno, quase sempre demora a ser realizado, e a criança adquire vários rótulos que lhe são impostos pelos que estão ao seu redor, esse é um cuidado que o professor deve ter: estar sempre vigilante, não só pra evitar atitudes de desrespeito dos colegas, mas também de si próprio.

É sabido que na escola, a criança é solicitada a cumprir metas e seguir rotinas, executar tarefas e ser recompensada ou punida de acordo com a eficiência com que são cumpridas isso exige muita disciplina o que às vezes vem de encontro com atitudes drásticas tomadas pelas pessoas que lhe são responsáveis, e que não estão preparadas psicologicamente para lidar com a atividade infantil, afinal, mesmo diante do diagnóstico positivo, feito pelas vias devidas e autorizadas, ao se tornar um educador, o professor assumiu sua condição, e deve, portanto, trabalhar com todo afinho para que o aluno que realmente necessitar de atendimento diferenciado, seja atendido na plenitude que todo ser humano tem por direito, afinal, é um

cidadão, seja criança, adolescente, adulto, tem seus direitos protegidos e devem ser respeitados. Paciência, serenidade, metodologia clara ajudarão a tranquilizar um pouco essas crianças e conseqüentemente fazer com que elas dediquem um pouco mais de atenção as atividades e consigam seguir o ensino regular de forma mais eficaz. O bom senso é a melhor maneira de mediar as situações conflitantes entre as crianças e suas formas de aprendizagens.

A escola precisa estar sempre alerta para o compromisso de manter uma sala de aula bem estruturada, com rotinas claras e um ambiente emocional propício à aprendizagem. Orientar os docentes para que apliquem conteúdos curtos, e que pratique o atendimento individualizado, posicionando sempre o aluno nas primeiras carteiras, longe de janelas, ou local com menor possibilidade de dispersão possibilitando assim evitar a dispersão, são atitudes que poderão amenizar a situação, tudo isso, sempre com a preocupação de ser o mais discreto possível, sem chamar a atenção para determinada criança.

O conhecimento deve ser parte da rotina do professor, este deve estar sempre buscando capacitação para melhorar dessa forma o atendimento à seus alunos. É sobre o professor de sala que recai a responsabilidade que a escola e os pais outorgam. E estar preparado para tomar uma decisão é sempre muito bom.

O material apresentado nesse trabalho, originado de pesquisas deverá ser um referencial a todos quantos se interessam por conhecimento. Deverá servir para auxiliar cada dia mais na busca por um atendimento efetivo e humano à criança que realmente apresente um problema de dificuldade em sua aprendizagem escolar.

Viu-se aqui apenas uma parte do tema para ser visto, mas que esse pequeno estudo sirva, para a busca de maiores informações sobre o tema estudado. Que o professor busque se aperfeiçoar para entender as atitudes tomadas por nossas crianças para que assim possamos transformar nosso fazer pedagógico em algo palpável, real, efetivo, para atendermos a esses cidadãos em suas diversas necessidades, auxiliando-os a se tornarem adultos críticos, realizados e acima de tudo, felizes.

“Ensinar é descrito por Alves como um ato de alegria, um ofício que deve ser exercido com paixão e arte. É como a vida de um palhaço que entra no picadeiro todos os dias com a missão renovada de divertir. Ensinar é fazer aquele momento único e especial. Ridendo dicere severum: rindo, dizer coisas sérias (Alves 2002 p.42). Mostrando que esta, na verdade é a forma mais eficaz e verdadeira

de transmitir conhecimento. Agindo como um mago e não como um mágico. Não como alguém que ilude e sim como quem acredita e faz crer, que deve fazer acontecer". (WINKIPEDIA, 2005)

O Professor – é certo que alguns “estão” professores - tem em sua alma a paixão pelo ofício, e nele é que se acredita esta a diferença. Considerando as dificuldades com relação à leitura e escrita, neste momento caracterizadas como dificuldades de aprendizagem; pode-se comparar com o que nos deparamos diariamente em nossos alunos; agora, sob um olhar diferenciado, analisando e refletindo em cada aluno que se encontram nesta situação, resta-nos a atitude e a vontade de querermos modificar esse quadro, com a nossa competência e nossa profissão: EDUCADOR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. Referências da obra de Rubem Alves. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rubem_Alves, Acesso em 25 nov. 2005.

ARAÚJO, Simaia Sampaio Maia Medrado de. **Distúrbios e transtornos**. 2004. Disponível em: <http://simaiapsicopedagoga.ubbihp.com.br/disturbios.htm>, acessado em 25 nov. 2005.

BRAMELD, T. **O poder da educação**. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB**, nº. 1/99, de 7 Abril de 1999. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

CAZELLI, Luiza Helena P. **A Importância da integração escola-Família no processo pedagógico**. São Paulo: Ática, 2000.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Coletâneas de Leis de Ensino**. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Porto Alegre. 1998.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CEED nº. 243/99. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental e Médio para o Sistema Estadual de Ensino**. Porto Alegre, 1999.

DOTTI, Corina. **Fracasso escolar e classes populares**. In GROSSI, E BORDIN, J. **Paixão de aprender**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELLIS, Andrew. Trad. BATISTA, Dayse. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 1995.

FREINET Celéstin. Disponível em: <<http://www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista>> acessado em 28, dez.2005.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GORMAN Christine. **A Dislexia**. The New Science of Dislexia. Disponível em: <http://www.10emtudo.com.br>. Acessado em 30 nov. 2005.

HISTÓRIA da Sra. Thompson e Teddy. Disponível em <http://www.psicologiapravoce.com.br/metafora.asp?nr=721> acessado em 12, jan. 2006.

<http://www.centrorefeducacional.com.br/pedpsico.htm>> acessado em 28, dez. 2005.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14. ed. São Paulo: Ática. 2001.

MARTINS, Vicente. **O papel da família na aprendizagem da leitura**. Disponível em: http://maxpages.com/elias/Aprendizagem_da_Leitura_I > publicado em 12/03/2003. Acessado em 24, dez. 2005.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papirus, 1990.

OLIVEIRA, Zilma et al. **Creches: crianças faz-de-conta**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PELLEGRINI, Denise. **Aprenda com eles e ensine melhor**. Nova escola, v. 16, nº. 138, p. 19. Jan. - fev. São Paulo: Abril, 2001.

PIAGET Jean. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Paulo Francisco Slomp. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de janeiro: Zahar, 1972.

SAMPAIO, Rosa Maria. WHITAKER, Freinet. **Evolução, histórico e atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.

SCALCO. **Aula de tradição e de integração**. Disponível em <http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/157_nov02/html/caderno_esp2>, de Novembro de 2002> acessado em 14, dez. 2005.

SHAYWITZ, SALLY, **Entendendo a dislexia**. São Paulo: Artmed, 2005.

SILVA, Luiz Heron. AZEVEDO, José Clovis. (Orgs) **Reestruturação curricular**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002

TABEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. São Paulo: Ática. 1992.

TORRES, Rosa Maria. **Que (e como) é necessário aprender? Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdo curriculares**. Campinas: Papirus, 1994.

WEISS, Alba Maria Lemme, CRUZ, Maria Lúcia R. **A Informática e os Problemas Escolares de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

WYGOTSKY. L. S. **A formação social demente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZAGURI, Tânia. **É preciso dizer não**. Disponível em <http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/130_mar00/html/entrevista.htm> acessado em 12, dez. 2006.

ANEXO

História da Sra. Thompson e Teddy

(Autor desconhecido)

Relata Sra. Thompson, que no seu primeiro dia de aula, parou em frente aos seus alunos da Quinta série primária e, como todos os demais professores, lhes disse que gostava de todos por igual.

No entanto, ela sabia que isso era quase impossível, já que na primeira fila estava sentado um garoto chamado Teddy. A professora havia observado que ele não se dava bem com os colegas de classe e muitas vezes suas roupas estavam sujas e cheirando mal. Houve até momentos em que ela sentia prazer em lhe dar notas vermelhas ao corrigir suas provas e trabalhos.

Ao iniciar o ano letivo, era solicitado a cada professor que lesse com atenção a ficha escolar dos alunos, para tomar conhecimento das anotações feitas em cada ano. A Sra. Thompson deixou a ficha de Teddy por último. Mas quando a leu foi grande sua surpresa.

A professora do primeiro ano escolar de Teddy havia anotado o seguinte: Teddy é um menino brilhante e simpático. Seus trabalhos sempre estão em ordem e muito nítidos. Tem bons modos e é muito agradável estar perto dele.

A professora do segundo ano escreveu: Teddy é um aluno excelente e muito querido pelos seus colegas, mas tem estado preocupado com a mãe que está com uma doença grave e desenganada pelos médicos. A vida em seu lar deve estar muito difícil.

Da professora do terceiro ano constava a anotação seguinte: a morte de sua mãe foi um golpe muito duro para Teddy. Ele procura fazer o melhor, mas seu pai não tem nenhum interesse e logo sua vida será prejudicada se ninguém tomar providências para ajudá-lo. A professora do quarto ano escreveu: Teddy anda muito distraído e não mostra interesse algum pelos estudos. Tem poucos amigos e muitas vezes dorme na sala de aula.

A Sra. Thompson se deu conta do problema e ficou terrivelmente envergonhada. Sentiu - se ainda pior quando lembrou dos presentes que os alunos lhe haviam dado, envoltos em papéis coloridos, exceto o de Teddy, que estava enrolado num papel marrom de supermercado.

Lembra - se de que abriu o pacote com tristeza, enquanto os outros garotos riam ao ver uma pulseira faltando algumas pedras e um vidro de perfume pela metade. Apesar das piadas, ela disse que o presente era precioso e pôs a pulseira no braço e um pouco do perfume sobre a mão. Naquela ocasião Teddy ficou um pouco mais tempo na escola do que o de costume.

Lembrou - se ainda, que Teddy lhe disse que ela estava cheirosa como a mãe. Naquele dia, depois que todos se foram, a professora Thompson chorou por longo tempo.... Em seguida, decidiu-se a mudar sua maneira de ensinar e passou a dar mais atenção aos seus alunos, especialmente a Teddy.

Com o passar do tempo ela notou que o garoto só melhorava, e quando mais ela lhe dava carinho e atenção, mais ele se animava. Ao finalizar o ano letivo, Teddy saiu como o melhor da classe. Um ano mais tarde a Sra. Thompson recebeu uma notícia em que Teddy lhe dizia que ela era a melhor professora que teve na vida.

Seis anos depois, recebeu outra carta de Teddy, contando que havia concluído o segundo grau e que ela continuava sendo a melhor professora que tivera. As notícias se repetiram até que um dia ela recebeu uma carta assinada pelo Dr. Theodore Stoddard, seu antigo aluno, mais conhecido como Teddy.

Mas a história não terminou aqui. A Sra. Thompson recebeu outra carta, em que Teddy a convidava para seu casamento e noticiava a morte de seu pai. Ela aceitou o convite e no dia do casamento estava usando a pulseira que ganhou de Teddy anos antes.

Quando os dois se encontraram, abraçaram-se por longo tempo e Teddy lhe disse ao ouvido: obrigado por acreditar em mim e me fazer sentir importante, demonstrando-me que posso fazer diferença.

Mas ela, com os olhos banhados em pranto sussurrou baixinho: você está enganado ! Foi você que me ensinou que eu podia fazer diferença, afinal eu não sabia ensinar até que o conheci.